

Alta não causa mudança na política do BC

Para o diretor da instituição Daniel Gleizer, isso não afeta inflação no longo prazo

GUSTAVO FREIRE

BRASÍLIA - O diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Daniel Gleizer, disse ontem que a atual alta do dólar não é motivo para que o BC mude sua política monetária. Para ele, a volatilidade do mercado não afetará a inflação no longo prazo. "Sabemos que o repasse do câmbio para a inflação é muito pequeno", disse. O diretor lembrou que o próprio grano de produtividade das empresas dificulta o repasse.

Ele afirmou que a oscilação do dólar no País está dentro do esperado, tendo em vista a forte concentração de vencimentos de compromissos externos neste mês. Ele informou que em outubro muitas empresas têm compromissos a pagar no exterior.

Comentando o fato de a cotação ter passado de R\$ 2,00, Gleizer afirmou que o "BC não tem nenhum número mágico para a taxa de câmbio" e que ela é fixa-

da pelo mercado.

O diretor do BC disse que o Brasil provavelmente fará nova emissão de títulos no mercado internacional ainda este ano. "Como sempre digo, isso dependerá das condições de mercado; se houver oportunidade, faremos nova emissão", afirmou. Ele não especificou que tipo de operação seria feita e nem mesmo em que mercado ela ocorreria.

Em relação à emissão de títulos no valor de US\$ 2 bilhões, concluída ontem, o diretor enfatizou que a operação não servirá para estabelecer um parâmetro que balize novas emissões de empresas brasileiras no mercado de dólar norte-americano. "O mercado sabe diferenciar uma emissão com dinheiro de uma troca de títulos", disse. O Brasil trocou os títulos novos por "bradies" (emitidos durante a renegociação da dívida externa) no valor aproximado de US\$ 2,9 bilhões.

Os novos títulos foram emitidos com rendimento de 850 pontos-base acima do título do tesou-

ro americano de prazo equivalente, ou 14,61% ao ano, com cupom de 14,5% anuais. Gleizer admitiu que o cupom foi alto, mas disse que a operação propiciou ganhos ao Brasil já que houve uma redução do estoque da dívida externa junto aos credores privados internacionais. "Eu ia deixar de fazer uma operação que propiciou ganhos ao País em termos de redução de sua dívida só porque o spread estava em 850?", perguntou. Ele mesmo respondeu: "Não, os benefícios são claros", afirmou.

**TROCA DA
DÍVIDA
MELHOROU
FLUXO DE CAIXA**

de US\$ 900 milhões na dívida brasileira e ainda a liberação de cerca de US\$ 520 milhões em garantias em títulos do Tesouro norte-americano, depositadas no BIS. Essas garantias serão liberadas na próxima segunda-feira. Gleizer lembrou que a operação embutiu em si mesma um ganho financeiro de US\$ 205 milhões, já que balanceou melhor o fluxo de caixa do País. (AE)